



Resumo Teórico

Introdução

O que nos identifica e caracteriza como homens é o fato de a cada instante necessitarmos pensar e criar explicações. Criando explicações, criamos pensamentos. Na criação do pensamento, damos origem tanto ao mito quanto à racionalidade, ou seja, a base mitológica, enquanto pensamento por figuras, e a base racional, enquanto pensamento por conceitos. Esses elementos são constituintes do processo de formação do conhecimento filosófico. Este fato não pode deixar de ser considerado, pois é a partir dele que o homem desenvolve suas ideias, cria sistemas, elabora leis, códigos e práticas sociais.

A condição para que se entenda a conquista da autonomia da racionalidade (o *logos*) diante do mito passa pela compreensão de que o surgimento do pensamento racional, conceitual, entre os gregos, foi decisivo no desenvolvimento da cultura da civilização ocidental. Isso determina o início de uma etapa fundamental na história do pensamento e do desenvolvimento de todas as concepções científicas produzidas ao longo de séculos da história humana.

A tomada de consciência de como isso se deu e quais foram as condições históricas que permitiram a passagem do mito à filosofia fundamentam uma das questões cruciais para a compreensão das grandes linhas de pensamento que dominam todas as nossas tradições culturais. Esta passagem do pensamento mítico ao pensamento racional, no contexto grego, é importante para que percebamos que os mesmos conflitos entre mito e razão, vividos pelos gregos, são problemas presentes, ainda hoje, em nossa sociedade contemporânea, onde a própria ciência depara-se com o elemento da crença mitológica ao apresentar-se como neutra, escondendo interesses políticos, econômicos e sociais em sua roupagem sistemática, por exemplo.

Mito e filosofia: trata do problema da ordem e da desordem no mundo. O homem grego foi, por séculos, educado pelo mito. A palavra “mito” vem do grego *mythos*, que significa contar, narrar algo a alguém. O mito é uma narração fabulosa de origem popular e não refletida, dotada de forte sentido simbólico e pedagógico, que tem por finalidade a explicação do mundo, da realidade que nos circunscreve. Os homens gregos perceberam que o mito era um jeito de ordenar o mundo.

Surpreso e temendo os fenômenos que o cercam (manifestações da natureza, a origem do cosmos, a morte, sentimentos, entre outras coisas), o homem recorre aos mitos – uma primeira tentativa de entender e localizar-se no mundo – como fonte de explicação para o que vê, mas já não compreende. Forças sobrenaturais são invocadas; deuses revestem-se de formas humanas (antropomorfismo) e se materializam nos mitos criados para desvendar o que não se pode expressar por palavras.

Em resumo, o mito é desprovido daquilo que os gregos chamam de *logos* – isto é, razão ou racionalidade –, uma forma espontânea de situar os seres humanos na sociedade. Suas raízes se acham nas explicações simbólicas, de caráter pré-reflexivo de um espírito cientificamente primitivo, anterior à consciência. A força do mito reside nos sentimentos e nos rituais, de vida e morte. Antes de ser pensado, um mito é vivido, adorado, venerado, sustentado pela força misteriosa da fé. O mito é uma maneira de encontrar a verdade, ordenar o mundo, conciliar os deuses, os seres e a natureza, garantindo os rituais que mantêm os vínculos de uma sociedade e afastam o medo e as incertezas que distanciam os seres humanos. É um modo de apropriação da realidade com fundamentos na fé, na crença, no rito, na comunhão de sentimentos sobre a origem e o destino de uma comunidade.

São maravilhosas narrativas sobre a origem dos tempos que encantam, principalmente, porque fogem aos parâmetros do modo de pensar racional que deu origem ao pensamento contemporâneo.



Calvin & Hobbes, Bill Watterson © 1993 Watterson / Dist. by Universal Uclick

A mitologia grega é também herança e objeto da obra de antigos escritores, como Sófocles, Aristófanes, com destaque especial para Hesíodo e Homero, que narram desde a genealogia dos deuses, chamada de teogonia, até fatos heroicos do povo grego antigo (nas obras *Iliada* e *Odisseia*). São cenas descritas poeticamente, musicadas e cantadas nas festas e acontecimentos cívicos;

são representações simbólicas das crenças e valores dos helenos. Importante é salientar que a mitologia era a verdade em que muitos gregos acreditavam e que defendiam com o fervor próprio da devoção sincera.

Enquanto narrativa oral, o mito era um modo de compreender o mundo que foi sendo construído a cada nova narração. As crenças que eles transmitiam ajudavam a comunidade a criar uma base de compreensão da realidade e um solo firme de certezas. Os mitos apresentavam uma religião politeísta, sem doutrina revelada, sem teoria escrita, isto é, um sistema religioso, sem corpo sacerdotal e sem livro sagrado, apenas concentrada na tradição oral: é isso que se entende por teogonia. Vale salientar que essas narrativas foram sistematizadas no século IX, por Homero, e por Hesíodo no século VII a.C.

É certo que as tradições, os mitos e a religiosidade respondiam a todos os questionamentos. Contudo, essas explicações não davam mais conta de problemas como a permanência, a mudança, a continuidade dos seres, entre outras questões. Suas respostas perderam convencimento e não respondiam aos interesses da aristocracia que se estabelecia na pólis.

Podemos afirmar, portanto, que a Filosofia nasceu de um processo de superação do mito, em uma busca por explicações racionais rigorosas e metódicas, condizentes com a vida política e social dos gregos antigos; também nasceu do melhoramento de alguns conhecimentos já existentes, adaptados e transformados em ciência.

Condições históricas para o surgimento da Filosofia

A Filosofia surge por volta do século VII a.C. na Grécia Antiga. A palavra “filosofia” é composta por duas outras: *philo* e *sophia*. *Philo* deriva-se de *philia*, que significa amizade, amor fraterno, respeito entre os iguais. *Sophia* quer dizer sabedoria e dela vem a palavra *sophos*, sábio. Filosofia significa, portanto, amizade pela sabedoria, amor e respeito pelo saber. Filósofo é o que ama a sabedoria, tem amizade pelo saber, deseja saber. Assim, filosofia indica um estado de espírito, o da pessoa que ama, ou seja, deseja o conhecimento, estima-o, procura-o e respeita-o.

Atribui-se ao filósofo grego Pitágoras de Samos a invenção da palavra “filosofia”. Pitágoras teria afirmado que a sabedoria plena e completa pertence aos deuses, mas que os homens podem desejá-la ou amá-la, tornando-se filósofos.

Filha dos gregos, portanto, a filosofia tem data e local de nascimento específico e, também, um “pai”, considerado o primeiro filósofo datado historicamente: Tales. Mileto, a cidade de Tales, ficava na Jônia, atual Turquia, uma das colônias micênicas desenvolvidas após a invasão dos dóricos. É exatamente aí, no século VI a.C., que surge a primeira proposta filosófica. Mas, antes de tratarmos dos primeiros filósofos, vamos entender o contexto de formação do povo grego e o processo que levou ao nascimento do pensamento filosófico.

Geograficamente dispersa, a Grécia Antiga constituía-se por um grande número de pequenas comunidades independentes no mar Mediterrâneo, desde a Jônia, na Ásia Menor, até o sul da Itália. Apesar dessa dispersão, havia uma certa unidade cultural, expressa por uma língua comum, formas de organização política semelhantes e mesmas crenças religiosas. A dispersão dessas comunidades deveu-se, em grande parte, às invasões em busca de terras para cultivo, mas, também, devido aos conflitos entre dois povos que praticamente formaram a cultura grega.

Vindos da Europa, os micênicos, um povo mais avançado culturalmente, chegaram à Grécia por volta do ano 2000 a.C. e, encontrando um povo mais atrasado na região, logo se estabeleceram como a cultura dominante. Os micênicos – ou aqueus, como também ficaram conhecidos – encontravam-se na Idade do Bronze e tornaram-se uma grande civilização, representada pela exuberância e

potência da cidade de Micenas. Isto prevaleceu até que, por volta do séc. XII a.C., os dóricos – povo guerreiro que já dominava o ferro – invadiu a região e obrigou o êxodo dos micênicos em busca de novas terras. Emigrando para a Ásia Menor – chamada Jônia na época –, os gregos fundaram novas colônias para fugir ao domínio dórico e preservar suas tradições. Desta colonização surgiram duas cidades que se tornaram grandes centros culturais e econômicos: *Mileto* e *Éfeso*.

Portanto, é nesse conjunto de comunidades independentes que, no século VI a.C., vai se formando um dos elementos que marcaram o surgimento do pensamento ocidental: a racionalidade.

Como já podemos perceber, a filosofia não nasce na Grécia propriamente dita, mas na Jônia e na Magna Grécia, colônias desta no Oriente e no Ocidente.

Mas, por que nasce na Grécia e não nas culturas orientais antigas, como Egito, Babilônia, China, Índia, ou entre os hebreus? Sofreu influência destas, pelo menos, ou terá sido apenas um “milagre” o que aconteceu na Grécia? Este é um ponto que nos interessa discutir.

Durante algum tempo duas teses foram defendidas para o fato de a filosofia ter tido seu início na Grécia. Uma considerava o fato um “milagre”, desconsiderando as condições socioeconômico-culturais e políticas que faziam parte da cultura grega. A outra considerava o nascimento da filosofia como sendo devido a “ensinamentos esotéricos” que os gregos adquiriram em suas viagens pelo Oriente; ou seja, a filosofia nasceu por influência dos povos orientais, sem mérito algum dos gregos e não, novamente, por um contexto sociocultural próprio que existia na Grécia. Estas duas correntes, portanto, “milagre grego” *versus* influência oriental, estão desacreditadas academicamente.

A tese aceita atualmente defende o nascimento da filosofia devido a uma série de fatores sócio-político-econômico-culturais que aconteceram somente na Grécia. Por isso, neste entendimento não foi possível o mesmo acontecer em outras culturas, da forma como se deu no Ocidente.

Com isto esclarecemos que, no entendimento acadêmico, estamos falando da filosofia ocidental e não das “filosofias orientais”, que apresentam sua sabedoria e importância, mas, em um olhar mais depurado, não desenvolveram uma sistematização do pensamento de tal forma que permitisse o nascimento do que viria a ser conhecido posteriormente como ciência.

Retomando a questão da formação da Grécia, alguns contextos então contribuíram para uma construção diferente da cultura grega em relação às outras culturas. No mesmo período, as outras civilizações existentes apresentavam algumas características que, contrapostas à cultura grega, podem nos ajudar a esclarecer porque estes últimos apresentaram um terreno fértil para o surgimento da ciência filosófica. Nas demais culturas, geralmente existia uma casta sacerdotal dominante, responsável pela interpretação dos livros sagrados e de verdades reveladas, o que determinava o comportamento moral, político e econômico do povo. A escrita era restrita aos escribas – tratada como segredo e, portanto, acessível apenas a iniciados –, proibida aos homens comuns, o que impedia a ampla difusão e discussão de ideias.

Religiões com dogmas e uma certa teologia elaborada eram outros fatores que impediam o livre desenvolvimento do pensamento, tornando a religião um instrumento de poder. Aliado a isto, ainda, a cultura do poder vitalício do rei e a figura do súdito impediam qualquer manifestação política ou reflexão sobre a questão do poder. Pois bem, o contexto grego era contrário a este modo de ser.

Com o fim do domínio dórico, nós vemos a reconstrução da sociedade grega. Há um renascimento do comércio em torno do século VIII a.C. e a tendência à formação de centros maiores ao redor da Ágora, – a praça pública – local das transações comerciais e das discussões sobre a vida da cidade. É o nascimento da política.

Na estruturação política, cada comunidade grega era uma cidade-Estado – as chamadas pólis –, autônoma, com a dimensão de um pequeno município. Na pólis é que se efetuava a conquista política do estatuto cívico, da ordem da cidadania, na qual o destino de cada um era definido não pela obrigação de lealdade a um chefe, mas pela relação ao princípio abstrato que é a lei – primeira etapa.

Em um segundo momento, a democracia se instaura em Atenas. Apresenta-se a ideia de governo do povo ou governo no “meio” do povo e não governo do “povinho”. O grego tem consciência de sua cidadania porque participa da vida pública da cidade. Os destinos da pólis são de responsabilidade comum de todos os cidadãos, acima dos quais não há nada a não ser as leis que eles mesmos elaboraram. Escreve HOWART (1984):

“Pode parecer exagero, porém, acredito que seja justo afirmar que as realizações políticas e as experiências práticas de governo dos gregos, nas quais se basearam todas as formas modernas de política da Europa ocidental, pelo menos até a aparição do marxismo, não poderiam ter acontecido em outro ambiente que não fosse o da pólis.

Conceitos tão familiares como, por exemplo, governo constitucional, império da lei, democracia e, acima de tudo, cidadania eram completamente desconhecidos até que os gregos começaram a experimentá-los.”

O modelo de governo da pólis, como esforço coletivo e exclusivo dos cidadãos, até então desconhecido em outras civilizações, tem por fundamento a ideia de que os deuses abandonaram os homens. E a ideia do destino como força superior aos próprios deuses sugere a visão democrática de que a lei está acima dos indivíduos. É nesse quadro que surge a reflexão filosófica que busca uma lei universal, acima de todas as coisas, que possa explicar o homem e o mundo sem recorrer a forças divinas.

Outras condições histórico-sociais também foram proporcionando o questionamento do mito. O Renascimento Comercial citado exigiu do homem grego o “lançar-se ao mar” para encontrar novos mercados. Com o desenvolvimento das viagens marítimas, os gregos começaram a confrontar os fatos com as tradições míticas. Chegando às ilhas e regiões que constituíram o pano de fundo das epopeias e dos relatos poéticos, o grego não encontrou as “divindades” e as “criaturas” citadas pela tradição. Navegando os mares, não encontrou as sereias e nem tampouco foi confrontado por Poseidon.² Em Creta não se deparou com o Minotauro³, mas sim com um povo que estava disposto a comercializar também, como nas demais regiões.

Questionamentos surgem sobre a veracidade do mito e a possibilidade ou não de encontrar novas explicações para os fatos e fenômenos antes entendidos apenas de forma mítica.

Concomitante a isto, há a invenção da moeda e um desenvolvimento da escrita e do calendário.

Criada pelos sumérios, a escrita ganha novo sentido com os gregos que se descobrem capazes de expressar seu pensamento não mais de forma verbal apenas, mas, a partir da concepção do alfabeto e da construção fonética, de forma mais elaborada, por escrito.

O grego descobre que não precisa trocar as mercadorias por coisas concretas (um cavalo por um boi, por exemplo), mas sim que é possível uma troca abstrata (um cavalo por 20 moedas, por exemplo). É o desenvolvimento da capacidade de elaboração do pensamento de forma diferente.

O calendário produz condições semelhantes ao permitir uma observação sobre os dias e as estações do ano e, desta forma, a percepção da natureza em seu curso, desmistificando a ação divina sobre os fenômenos da natureza (como no caso de a colheita ter sido boa ou ruim devido a um “deus” e não às condições climáticas ou época do ano).

Por fim, o surgimento da vida urbana, que impulsiona este renascimento comercial e diminui o prestígio da classe aristocrática, proprietária de terras, faz nascer a política, que exige a construção de uma nova relação social, como já foi explicado anteriormente.

Por todos estes fatores, portanto, e não por um “milagre” ou por “influência do oriente” como já esclarecemos, é que, no século VI a.C. Tales inicia a jornada que se tornará a grande aventura na história do Ocidente: o pensamento filosófico.

As mudanças começam a acontecer. Em torno do século V a.C. o homem, como cidadão-guerreiro, que fala e que combate, aparece assumindo o seu destino. Nesta época, os gêneros culturais mudam de sentido e de estilo. A tragédia, antes fundamentalmente religiosa, torna-se cerimônia política. A história-geografia se afirma. As descrições lendárias e as genealogias míticas dão lugar às paisagens e costumes analisados e descritos com precisão. No campo da medicina, surge um apelo pela investigação das causas das enfermidades e não mais aos recursos ambíguos da adivinhação. Na física, o grego passa pouco a pouco das especulações mágicas para o estudo das relações fenomenais. A “arte da palavra”, por sua vez, deixa de ser privilégio das famílias nobres para ser o meio pelo qual todo cidadão dispõe, pelo menos em direito, para fazer valer suas opiniões e interesses.

O mito, contudo, não perdeu sua beleza, seu sentido que propiciou todo este progresso. É uma forma diferente de olhar a realidade. Hesíodo fala em suas obras do “abandono dos deuses” em relação aos homens. Há um princípio de “secularização” do pensamento. O homem não precisa mais recorrer aos deuses para explicar o mundo. Na teogonia – de Hesíodo –, o homem encontra-se sem deuses, abandonado, mas livre para agir e pensar. Entre os séculos VIII e V a.C., portanto, desenvolve-se o esforço para a construção de uma sociedade justa, propiciada pelas condições históricas próprias do mundo grego. É neste contexto que nasce a filosofia e aparecem os primeiros filósofos, os chamados pré-socráticos.

Principais características da filosofia nascente

Em síntese, podemos afirmar que o pensamento filosófico, em seu nascimento, tinha como traços principais:

- **Tendência à racionalidade**, isto é, a razão e somente a razão, com seus princípios e regras, é o critério da explicação de alguma coisa;
- **Tendência a oferecer respostas conclusivas para os problemas**, ou seja, colocado um problema, sua solução é submetida à análise, à crítica, à discussão e à demonstração, nunca sendo aceita como uma verdade, se não for provado racionalmente que é verdadeira;
- **Exigência de que o pensamento apresente suas regras de funcionamento**, isto é, o filósofo é aquele que justifica suas ideias provando que segue regras universais do pensamento. Para os gregos, é uma lei universal do pensamento que a contradição indica erro ou falsidade. Uma contradição acontece quando afirmo e nego a mesma coisa sobre uma mesma coisa (por exemplo: “Pedro é um menino e não um menino”, “A noite é escura e clara”, “O infinito não tem limites e é limitado”). Assim, quando uma contradição aparecer em uma exposição filosófica, esta deve ser considerada falsa;
- **Recusa de explicações preestabelecidas** e, portanto, exigência de que, para cada problema, seja investigada e encontrada a solução própria exigida por ele;
- **Tendência à generalização**, ou seja, mostrar que uma explicação tem validade para muitas coisas diferentes porque, sob a variação percebida pelos órgãos de nossos sentidos, o pensamento descobre semelhanças e identidades.

1. HOWART, Ian. In.: HUMANIDADES, Ed. Universidade de Brasília, Janeiro / março – 1984 – vol. II – n.º 6, p. 170-171.

2. Poseidon: na mitologia grega é o nome do “deus do mar”, irmão de Zeus. Teria, de acordo com o relato da Odisseia, sido o mentor dos problemas de Ulisses (do grego Odisseu) no seu retorno para casa. Para os romanos chamava-se Netuno.

3. Minotauro: criatura que habitava o labirinto em Cretas, onde Minos, rei da ilha, colocava seus inimigos para serem mortos pelo monstro. Teseu, o herói grego, vence a criatura e consegue sair do labirinto utilizando-se de um novelo de linha para reencontrar o caminho.

O mito hoje

Na modernidade, podemos pensar filosoficamente outros conceitos para o mito. Um dos modos de entender o mito é pensá-lo como fantasmagoria, isto é, aquilo que a sociedade imagina de si mesma a partir de uma aparência que acredita ser a realidade. Por exemplo: é mítica a ideia de progresso, porque é uma ideia que nos move e alimenta nossa ação, mas, na realidade, não se concretiza. A sociedade moderna não progride no sentido de que tudo o que é novo é absorvido para a manutenção e ampliação das estruturas do sistema capitalista. O progresso apresenta-se como um mito, porque alimenta o nosso imaginário.

Para **Friedrich Nietzsche** (1844-1900), a modernidade não cumpriu o que se propôs a fazer. Não libertou os homens de seus prejuízos; os mitos não foram abandonados, mas substituídos por novos e mais elaborados heróis. O que pode ser tão escravizador quanto o dogma, isso porque a técnica e o saber científico podem estar a serviço do capital. Além disso, este saber técnico pode coisificar o homem e, neste sentido, os mitos modernos apresentam-se camuflados. Por isso, a crença na razão de forma absoluta gera um mito, o que caracterizaria um retrocesso no percurso do mito ao *logos* que, de certo modo, não era a intenção.

O pensamento mítico é, por natureza, uma explicação da realidade que não necessita de metodologia e rigor, enquanto que o *logos* caracteriza-se pela tentativa de dar resposta a esta mesma realidade, a partir de conceitos racionais.



Friedrich Nietzsche.

nickur/23RF/Getty

Diferenças entre filosofia e mito?

Tanto o mito quanto a filosofia são tentativas de encontrar respostas às mesmas questões, que sempre inquietaram a humanidade: Qual é o sentido da vida? Quem escolhe nosso destino? De onde viemos e para onde vamos? Qual é o papel da nossa vontade? Qual é a origem de cada coisa e qual sua relação com o todo? Onde nasce o poder? E o amor, a felicidade? O que é a vida, a dor, a alegria e a morte?

As diferenças entre o mito e a filosofia estão nos fundamentos de suas explicações:

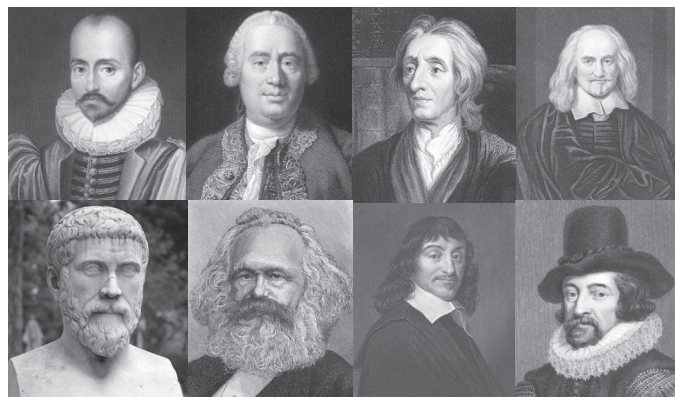
- **Mito (*mythos*) Kósmos** (mundo ordenado pela vontade de potências arbitrárias – os deuses). Trata-se de narrativa, analogia, linguagem simbólica, ritual, ancestralidade, magia, fé, crença, religião, sobrenatural, mistério, transcendente, exterior. O transcendente designa aquilo que é metafísico, para além da natureza; é superação da matéria. O mito não se importava com contradições, com o fabuloso e o incompreensível, não só porque esses eram traços próprios da narrativa mítica, mas também porque a confiança e a crença no mito vinham da autoridade religiosa do narrador.
- **Filosofia (*logos*) Phýsis** (concepção de uma natureza regulada, controlada por um princípio racional – a *arqué*). Trata-se de conceito, análise, linguagem lógica, reflexão, razão, causa e efeito, “ciência”, natural, imanente, interior. O imanente designa a explicação contida no interior do próprio fenômeno que a gerou. A filosofia não admite contradições, fabulação e coisas incompreensíveis, mas exige que a explicação seja coerente, lógica e racional; além disso, a autoridade da explicação não vem da pessoa do filósofo, mas da razão, que é a mesma em todos os seres humanos.

O conhecimento filosófico tem como característica ver a totalidade do conhecimento racional desenvolvido pelo homem.

Abrangia, portanto, os mais diversos tipos de conhecimento, que hoje entendemos como pertencentes à matemática, astronomia, física, biologia, lógica, ética etc. Foi a primeira ciência a existir, pois exige rigor de pensamento e surge como uma forma de conhecimento assentada

no uso da razão como recurso para o estabelecimento da verdade. Desligando-se da tradição mítico-religiosa, que aceitava o conhecimento como revelação, o pensamento grego começa a refletir sobre a física (*phýsis*), passa a buscar na natureza do devir algo que seja permanente, incorruptível; e na metafísica (além da física), busca explicar logicamente o movimento eterno dos astros, com uma forte inspiração no paradigma matemático. Tales de Mileto é considerado o primeiro filósofo grego, pois foi ele quem destacou um princípio gerador primordial e imanente constitutivo de toda matéria, a saber: a água.

A história da filosofia não é apenas um relato histórico, mas as transformações do pensamento humano ocidental, ou seja, o percurso do pensamento ocidental; o modo pelo qual essa forma de pensar influenciou a realidade e, ao mesmo tempo, foi resultado dessa realidade histórica. A história da filosofia pode ser estudada a partir de sete períodos:



1º Período: Filosofia Grega (séc. VI a.C. ao séc. VI d.C.)

- Séc. VI ao séc. V a.C. – Período Pré-Socrático ou Cosmológico
- Séc. V ao séc. IV a.C. – Período Socrático ou Antropológico
- Séc. IV ao séc. III a.C. – Período Sistemático
- Séc. III a.C. ao séc. VI d.C. – Período Helenístico

2º Período: Filosofia Patrística (séc. I até o séc. VII)

- Patrística Grega (ligada à Igreja de Bizâncio)
- Patrística Latina (ligada à Igreja de Roma)

3º Período: Filosofia Medieval (séc. VIII ao séc. XIV)

- Escolástica: do séc. XIII ao séc. XIV

4º Período: Filosofia da Renascença (séc. XIV ao séc. XVI)

5º Período: Filosofia Moderna (séc. XVII até meados do séc. XVIII)

6º Período: Filosofia da Ilustração ou Iluminismo (séc. XVIII até o séc. XIX)

7º Período: Filosofia Contemporânea (séc. XIX até hoje)

1º Período: Filosofia Grega (séc. VI a.C. ao séc. VI d.C.)

Período Pré-Socrático ou Cosmológico (séc. VI ao final do séc. V a.C.)

De acordo com a tradição histórica, a fase inaugural da Filosofia Grega é conhecida como Período Pré-Socrático. Esse período abrange o conjunto das reflexões filosóficas desenvolvidas desde Tales de Mileto (640-548 a.C.) até Sócrates (469-399 a.C.).

Os primeiros filósofos buscavam o princípio absoluto (primeiro e último) de tudo o que existe. O princípio é o que vem e está antes de tudo, no começo e no fim de tudo; o fundamento, o fundo imortal e imutável, incorruptível de todas as coisas, que as faz surgir e as governa. É a origem, mas não como algo que ficou no passado, e sim como aquilo que, aqui e agora, dá origem a tudo, perene e permanentemente.

O objetivo dos primeiros filósofos era construir uma cosmologia (explicação racional e sistemática das características do universo) que substituisse a antiga cosmogonia (explicação sobre a origem do universo baseada nos mitos).

Em outras palavras, os primeiros filósofos queriam descobrir, com base na razão e não na mitologia, o princípio substancial existente em todos os seres materiais. Os pré-socráticos ocuparam-se em explicar o universo e examinaram a procedência e o retorno das coisas. Os primeiros filósofos gregos tentaram responder à pergunta: “Como é possível que todas as coisas mudem e desapareçam, e a Natureza, apesar disto, continue sempre a mesma?”.

Pouco conhecidos, os pensadores que antecederam a Sócrates sobrevivem hoje limitados a algumas frases e trechos de textos, já que praticamente todos os textos dos iniciadores da filosofia se perderam.

É o nascimento da filosofia, momento em que se investiga o mundo e as transformações da natureza. Os principais filósofos foram Tales de Mileto, Anaximandro de Mileto, Anaxímenes de Mileto, Pitágoras de Samos, Heráclito de Éfeso, Parmênides de Eleia, e Zenão de Eleia, que fizeram parte de várias escolas.

É também denominado Período Cosmológico, pois buscava uma visão ordenada do mundo, a explicação racional e sistemática sobre origem, ordem e transformação da natureza e dos seres humanos. Investigava o princípio universal, imutável e eterno que gerou todas as coisas e seres: de onde tudo vem e para onde tudo retorna.

Cosmo = ordem e organização do mundo,
lógico = conhecimento racional.

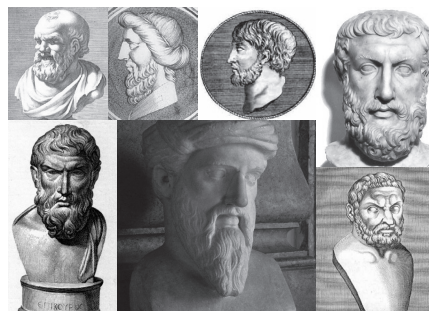
O novo pensamento filosófico possui características centrais que rompem com a narrativa mítica. Esses pensadores desenvolveram um conjunto de noções que constituem o ponto de partida de uma visão de mundo que, apesar de ter sofrido profundas transformações, foi a raiz do nosso pensamento filosófico-científico de hoje.

- a) **A phýsis** – o mundo natural. A compreensão da realidade natural está nela mesma e não no mundo sobrenatural.
- b) **A causalidade** – tudo tem uma causa natural e não mais mítica, misteriosa.
- c) **A arquê** – existe um elemento primordial que serviria de ponto de partida para todo o processo, o que dá uma unidade à natureza. Ex: água para Tales de Mileto; o ar para Anaxímenes; Empédocles afirma a existência de quatro elementos: ar, água, terra e fogo. Isso dá a ideia de caráter geral que inaugura a ciência.
- d) **O cosmos** – surge a ideia de ordem, harmonia e beleza. O mundo natural é uma realidade ordenada de acordo com os princípios racionais.
- e) **O logos** – não é mais uma narrativa de caráter poético e mítico; logos é a explicação fundamentada na razão, é um discurso racional.
- f) **O caráter crítico** – as verdades não eram apresentadas como verdades absolutas, de forma dogmática, mas passíveis de serem discutidas, discordadas, criticadas. Não se tratava de verdades absolutas, mas da construção do pensamento de um filósofo, e pode e deve ser questionado. Surge a atitude crítica em lugar da transmissão dogmática da verdade.

Os chamados “filósofos pré-socráticos” são os primeiros filósofos que viveram antes de Sócrates, e alguns foram contemporâneos deste. Sócrates é considerado um marco por sua influência e por introduzir as questões humanas e sociais na discussão filosófica.

Primeiras Escolas

Os filósofos pré-socráticos são divididos em escolas do pensamento – Escola Jônica (ou Escola de Mileto), Escola Itálica (ou Pitagórica), Escola Eleática, Escola Atomística – de acordo com o local e problemas discutidos por seus pensadores.

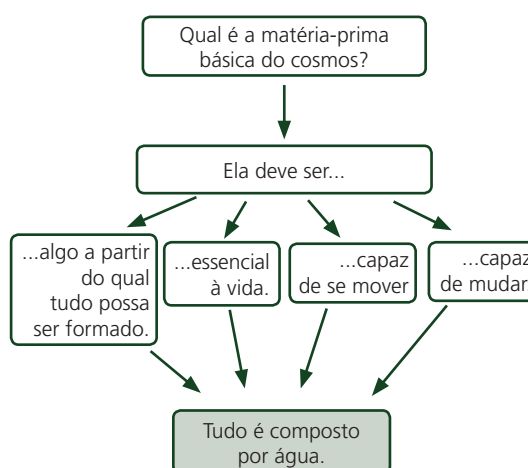


- **A Escola Jônica** (ou Escola de Mileto) recebe este nome por se desenvolver na colônia grega Jônia, na Ásia Menor, local onde hoje é a Turquia. Seus principais filósofos foram: Tales de Mileto, Anaxímenes de Mileto, Anaximandro de Mileto, Anaxágoras e Heráclito de Éfeso. Pensavam sobre o elemento primeiro, chegando a conclusões diferentes.

A maior parte dos cosmologistas acredita que embora a matéria possa mudar de uma forma para outra, toda a matéria tem algo em comum, inalterável. Não concordavam no que seria isto, partilhado por todas as coisas, e nem faziam experimentos para descobrir, mas utilizavam-se da racionalização abstrata, no lugar da religião ou da mitologia, para se explicar, tornando-se assim os primeiros filósofos da tradição ocidental.

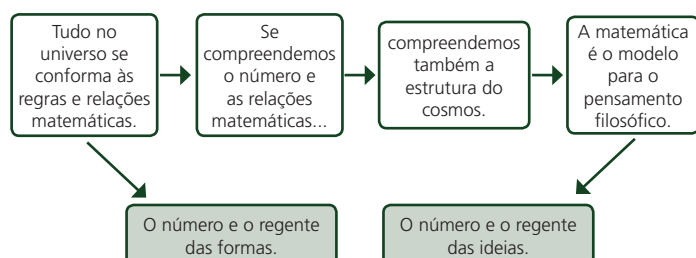
- **Tales de Mileto** (624-546 a.C.): Talvez o mais famoso de todos os filósofos pré-socráticos. Tales era um homem multifacetado, com ampla gama de interesses, além de ter sido o fundador da filosofia analítica. Foi o primeiro a propor explicações para os fenômenos naturais com base na razão e não na teologia ou na mitologia, e a pergunta que mais o inquietava era de que o mundo é feito. Acreditava que a *arquê* (o princípio de todas as coisas) deveria consistir em um elemento único: a água.

Percebendo que a água se transforma em vapor quando aquecida a certa temperatura, torna-se sólida pelo congelamento, e que a vida precisa dela para existir, deduziu que a água devia ser o elemento fundamental do mundo natural. Como matemático e astrônomo, previu um eclipse solar ocorrido em 585 a.C. Tendo viajado pelo Egito, mediu as pirâmides tendo por referência a sombra projetada no solo em determinado horário do dia.



- **Anaximandro de Mileto** (610-546 a.C.): Foi o primeiro pensador a elaborar uma visão filosófica sistemática do mundo; sustentava que a essência de todas as coisas não é uma substância, mas algo a que chamou *ápeiron*, uma ilimitada e inesgotável fonte criativa que se estende infinitamente em todas as direções. Introduziu o *gnomon* (relógio solar) na Grécia e acreditava que a terra era cilíndrica, sendo a sua profundidade uma terça parte de sua largura.

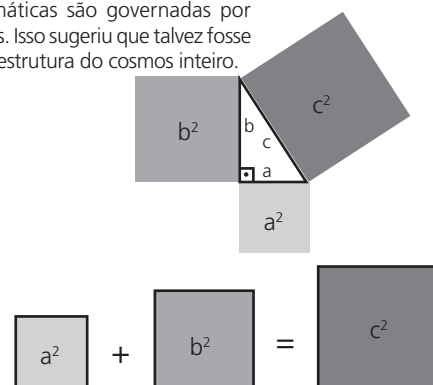
- **Anaxímenes de Mileto** (585-528 a.C.): Anaxímenes parece ter retomado a ideia de Tales de que havia uma única substância básica, um fundamento de todas as coisas – neste caso, o ar ou vapor –, mas propôs que ela poderia se transformar em outras substâncias de acordo com seu grau de concentração. Por rarefação, tornava-se fogo; por meio da condensação, formava a água e a terra. Anaxímenes relacionou o ar ao sopro da vida, à alma, recorrendo, portanto, à noção do “ilimitado” de Anaximandro. Imaginava que a Terra era achatada, meio que plana e envolvida pelo ar.
- **Heráclito de Éfeso** (535-475 a.C.): É conhecido, sobretudo, por conta de sua afirmação um tanto desconcertante de que tudo existe em um estado de fluxo permanente; ou seja, para ele o mundo é um eterno fluir, portanto, é impossível um mesmo homem jogar-se em um mesmo rio duas vezes, porque na segunda tentativa ele já não será mais o mesmo (vai ter envelhecido), e as águas do rio que lá encontravam-se da primeira vez já vão ter corrido rio abaixo. Uma de suas principais teorias é que o mundo não foi criado, ele sempre existiu. Em vez de enxergar permanência e estabilidade, ele declarou que, sob a superfície, o mundo podia ser entendido em termos de uma luta contínua entre pares de opostos, tais como: quente/frio, seco/molhado, dia/noite, vida/morte, guerra/paz, fome/fartura etc. Embora cada parte do par fosse um elemento separado, nenhum existia sem o outro, pois ambas eram apenas aspectos extremos da mesma coisa. Ele identificou o fogo como o elemento original e mais elementar, além de ser a manifestação física do logos.
- **A Escola Itálica** (ou Pitagórica) se desenvolveu no sul da Itália. A escola teve como ponto de partida a cidade de Crotona e difundiu-se vastamente. Trata-se da escola filosófica grega mais influenciada exteriormente pelas religiões orientais e que, por isso, mais se aproximou das filosofias dogmáticas regidas pela ideia de autoridade – a Escola Pitagórica era uma espécie de seita religiosa e mística. O pitagorismo influenciou o futuro platonismo, o cristianismo e ainda foi invocado por sociedades secretas que atravessaram o tempo até alcançarem os dias de hoje. O símbolo da Escola Pitagórica era o pentagrama, uma estrela de cinco pontas. Pitágoras ficou conhecido também como o “filósofo feminista”, visto que na escola havia muitas mulheres discípulas e mestres. Os pitagóricos foram muito importantes no desenvolvimento da matemática grega. Entre os pensadores dessa escola estão: Filolau, Arquitas, Alemeón. Esses pensadores manifestam ao mesmo tempo tendências místico-religiosas e tendências científico-racionais, influências encontradas até nossos dias.



- **Pitágoras de Samos** (570-495 a.C.): O filósofo principal desta escola foi Pitágoras de Samos. Nascido na ilha de Samos, foi na península Itálica, na cidade de Crotona, onde ele desenvolveu suas ideias. Voltado para a matemática, pensou serem os números as essências das coisas. Suas investigações de física e matemática eram misturadas com misticismo. São atribuídos aos discípulos de Pitágoras, os pitagóricos, diversas descobertas matemáticas.

Por este motivo, talvez, é considerado “Pai da matemática”, porque tirou-a da condição de simples técnica. Será um dos responsáveis pela íntima ligação entre a matemática e a filosofia nos tempos que se seguirão. Para ele “todas as coisas são números”, representando estes não quantidades, mas a própria essência dos seres. Os números também determinavam as formas das coisas. Neste sentido, o um seria um ponto; o dois, uma linha; o três, uma superfície; e o quatro, um sólido. Os números foram representados por modelos geométricos elaborados com base em determinadas quantidades de pontos. Estudou com profundidade a natureza do triângulo retângulo (Teorema de Pitágoras: o quadrado da hipotenusa é igual à soma dos quadrados dos catetos). Descobriu a importância dos números na música e, desta descoberta, estabelecendo a relação entre música e aritmética, surgiram os termos matemáticos “média harmônica” e “progressão harmônica”. Foi Pitágoras o responsável pela criação da palavra “filosofia” (amizade pela sabedoria) ao chamar a si mesmo de filósofo (amigo da sabedoria).

O **Teorema de Pitágoras** mostrou que as formas e as razões matemáticas são governadas por princípios decifráveis. Isso sugeriu que talvez fosse possível formular a estrutura do cosmos inteiro.



O Teorema de Pitágoras mostrou que as formas e as razões matemáticas são governadas por princípios decifráveis. Isso sugeriu que talvez fosse possível formular a estrutura do cosmos inteiro.

- **A Escola Eleática** se desenvolveu na cidade de Eleia, ao sul da Itália. Nessa escola encontramos quatro grandes filósofos: Xenófanes de Cólofon, Parmênides de Eleia, Zenão de Eleia e Melisso. Nesse grupo famoso de pensadores, as questões filosóficas concentram-se na comparação entre o valor do conhecimento sensível e o do conhecimento racional. De suas reflexões, resulta que o único conhecimento válido é aquele fornecido pela razão.
- **Xenófanes de Cólofon** (570-475 a.C.): Apesar de não ter nascido em Eleia, Xenófanes se estabeleceu na cidade após levar uma vida andando de povoado em povoado. A ideia principal ensinada por Xenófanes, e posteriormente trabalhada por Parmênides, é a ideia de “Um”. Xenófanes pensava no Um a partir de um pensamento mais voltado à religião, dizendo que Deus é Um, não foi feito, é eterno, perfeito e não se modifica. Observou, ainda, que há uma grande diferença entre opinião e conhecimento verdadeiro e que, embora exista uma verdade, só se pode especular sobre ela. Propôs que a terra e a água, em diversas combinações, formavam a base de todas as coisas, com as nuvens representando um estado de transição.
- **Parmênides de Eleia** (515-445 a.C.): Foi um dos mais importantes de todos os filósofos pré-socráticos, em virtude de ser o primeiro a usar a lógica por meio do raciocínio dedutivo, para justificar sua afirmação de que qualquer coisa que possa ser pensada e expressa em palavras, por definição, deve existir. Parmênides acreditava que as aparências são todas

enganosas, que a mudança é impossível e que a realidade é singular, indivisível e homogênea. Ganhou o título de “Pai da metafísica” (busca a essência das coisas). Em oposição à Escola Jônica, Parmênides pensa que o mundo é formado por um ser absoluto, que não foi feito, é eterno, perfeito e imutável, sem variações. Segundo seu pensamento, o mundo dos sentidos, por estar condicionado às variações dos fenômenos observados e das sensações, dá origem a incertezas e opiniões diversas. A conclusão a que podemos chegar é que nunca devemos confiar na experiência que nos é transmitida pelos nossos sentidos, pois o conhecimento não pode ser alcançado por esse caminho, e sim pela certeza de que a razão produz meios lógicos dedutivos.

- **Zenão de Eleia** (490-425 a.C.): Discípulo de Parmênides. É conhecido por seus paradoxos (paradoxo, na origem, significa o contrário de opinião). É exatamente contra a opinião comum que Zenão pretende demonstrar que a variedade das coisas e o movimento são impossíveis. Contra a ideia de movimento, Zenão desenvolveu argumentações que foram e são muito discutidas.

Entre elas está a ideia de que uma flecha em voo sempre ocupa o seu espaço de flecha, logo, a flecha está em repouso e todo movimento é uma ilusão. Logo, Zenão reforça a teoria de Parmênides de que só há um ser, único, imóvel, indivisível e eterno. Uma de suas principais teorias era sobre o vazio: ele dizia que se existe algo, esse algo está em algum lugar, mas esse lugar deve também estar em um lugar, e assim sucessivamente. Um lugar sempre contém o outro, e, por isso, o vazio não existe.

- **A Escola Atomística**, ou atomismo, desenvolveu-se a partir da ideia de que são vários os elementos que formam as coisas. A ideia de átomo (*a* = negação e *tomos* = divisão, ou seja, aquilo que não pode ser dividido) foi desenvolvida por Leucipo de Mileto e depois trabalhada por Demócrito de Abdera e Epicuro de Samos.
- **Leucipo de Mileto** (meados do século V a.C.): Para Leucipo, o mundo é formado a partir do choque aleatório e imprevisível de infinitos átomos. Ele supunha que a matéria seria constituída por átomos e vácuo. Tais átomos seriam indestrutíveis e imutáveis, enquanto as variações da matéria dependeriam de modos de agrupamento dos átomos (algo como nossas moléculas). Existiam também variações na forma, tamanho dos átomos, embora fossem todos constituídos por uma mesma substância.
- **Demócrito de Abdera** (460-370 a.C.): O último dos grandes filósofos pré-socráticos deu origem à teoria de que o universo é feito de átomos indivisíveis que estão constantemente em movimento. Logo, acreditava estarem os átomos em constante e violenta agitação, chocando-se constantemente uns com os outros, e transmitindo o movimento nestes choques. Devemos ter em mente que as bases de nosso atomismo, na estrutura da matéria e da luz, foram fundadas, portanto, durante a Antiguidade Clássica. Embora não tenham existido, na Antiguidade, elementos experimentais para comprovar ou desmentir esta peculiar teoria sobre a estrutura da matéria, ela serviu para lançar as bases de um atomismo que voltaria a surgir na Renascença, em particular a Teoria Cinética dos Gases de Boyle e a Teoria Atomista da Luz proposta por Descartes e por Newton. Demócrito é muitas vezes mencionado como o “filósofo sorridente” pela ênfase que atribuía à importância da alegria. Dizia ele: “A felicidade não está nos bens, nem no ouro; o sentimento de felicidade habita a alma”. Embora diversos destes filósofos tenham escrito mais sobre outros assuntos do que sobre a natureza das coisas, como é o caso de Demócrito, que escreveu sobre ética, é o questionar-se sobre a natureza das coisas que os une neste período.



Exercícios

01. (Enem-PPL/2014)

A mitologia comparada surge no século XVIII. Essa tendência influenciou o escritor cearense José de Alencar, que, inspirado pelo estilo da epopeia homérica na *Iliada*, propõe em *Iracema* uma espécie de mito fundador do povo brasileiro. Assim como a *Iliada* vincula a constituição do povo helênico à Guerra de Troia, deflagrada pelo romance proibido de Helena e Páris, *Iracema* vincula a formação do povo brasileiro aos conflitos entre índios e colonizadores, atravessados pelo amor proibido entre uma índia – *Iracema* – e o colonizador português Martim Soares Moreno.

DETENNE, M. *A invenção da mitologia*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998. Adaptado.

A comparação estabelecida entre a *Iliada* e *Iracema* demonstra que essas obras

- A) combinam folclore e cultura erudita em seus estilos estéticos.
- B) articulam resistência e opressão em seus gêneros literários.
- C) associam história e mito em suas construções identitárias.
- D) refletem pacifismo e belicismo em suas escolhas ideológicas.
- E) traduzem revolta e conformismo em seus padrões alegóricos.

02. (UEL/2003)

Zeus ocupa o trono do universo. Agora o mundo está ordenado. Os deuses disputaram entre si, alguns triunfaram. Tudo o que havia de ruim no céu etéreo foi expulso, ou para a prisão do Tártaro ou para a Terra, entre os mortais. E os homens, o que acontece com eles? Quem são eles?

VERNANT, Jean-Pierre. *O universo, os deuses, os homens*. Trad. de Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 56.

O texto acima é parte de uma narrativa mítica. Considerando que o mito pode ser uma forma de conhecimento, assinale a alternativa correta.

- A) A verdade do mito obedece a critérios empíricos e científicos de comprovação.
- B) O conhecimento mítico segue um rigoroso procedimento lógico-analítico para estabelecer suas verdades.
- C) As explicações míticas constroem-se de maneira argumentativa e autocrítica.
- D) O mito busca explicações definitivas acerca do homem e do mundo, e sua verdade independe de provas.
- E) A verdade do mito obedece a regras universais do pensamento racional, tais como a lei de não contradição.

03. (Enem/2016)

TEXTO I

Fragmento B91: Não se pode banhar duas vezes no mesmo rio, nem substância mortal alcançar duas vezes a mesma condição; mas pela intensidade e rapidez da mudança, dispersa e de novo reúne.

HERÁCLITO. Fragmentos (Sobre a natureza). São Paulo: Abril Cultural, 1996. Adaptado.

TEXTO II

Fragmento B8: São muitos os sinais de que o ser é ingênito e indestrutível, pois é compacto, inabalável e sem fim; não foi nem será, pois é agora um todo homogêneo, uno, contínuo. Como poderia o que é perecer? Como poderia gerar-se?

PARMÊNIDES. *Da natureza*. São Paulo: Loyola, 2002. Adaptado.

Os fragmentos do pensamento pré-socrático expõem uma oposição que se insere no campo das

- A) investigações do pensamento sistemático.
- B) preocupações do período mitológico.
- C) discussões de base ontológica.
- D) habilidades da retórica sofística.
- E) verdades do mundo sensível.

04. (UnB/2012)

No início do século XX, estudiosos esforçaram-se em mostrar a continuidade, na Grécia Antiga, entre mito e filosofia, opondo-se a teses anteriores, que advogavam a descontinuidade entre ambos. A continuidade entre mito e filosofia, no entanto, não foi entendida univocamente.

Alguns estudiosos, como Cornford e Jaeger, consideraram que as perguntas acerca da origem do mundo e das coisas haviam sido respondidas pelos mitos e pela filosofia nascente, dado que os primeiros filósofos haviam suprimido os aspectos antropomórficos e fantásticos dos mitos.

Ainda no século XX, Vernant, mesmo aceitando certa continuidade entre mito e filosofia, criticou seus predecessores, ao rejeitar a ideia de que a filosofia apenas afirmava, de outra maneira, o mesmo que o mito. Assim, a discussão sobre a especificidade da filosofia em relação ao mito foi retomada.

Considerando o breve histórico dado, concernente à relação entre o mito e a filosofia nascente, assinale a opção que expressa, de forma mais adequada, essa relação na Grécia Antiga.

- A) O mito é a expressão mais acabada da religiosidade arcaica, e a filosofia corresponde ao advento da razão liberada da religiosidade.
- B) O mito é uma narrativa em que a origem do mundo é apresentada imaginativamente, e a filosofia caracteriza-se como explicação racional que retoma questões presentes no mito.
- C) O mito fundamenta-se no rito, é infantil, pré-lógico e irracional, e a filosofia, também fundamentada no rito, corresponde ao surgimento da razão na Grécia Antiga.
- D) O mito descreve nascimentos sucessivos, incluída a origem do ser, e a filosofia descreve a origem do ser a partir do dilema insuperável entre caos e medida.

05. (Unesp/2012)

Aedo e adivinho têm em comum um mesmo dom de “vidência”, privilégio que tiveram de pagar pelo preço dos seus olhos. Cegos para a luz, eles veem o invisível. O deus que os inspira mostra-lhes, em uma espécie de revelação, as realidades que escapam ao olhar humano. Sua visão particular age sobre as partes do tempo inacessíveis às criaturas mortais: o que aconteceu outrora, o que ainda não é.

Jean-Pierre Vernant. *Mito e pensamento entre os gregos*. 1990. Adaptado.

O texto refere-se à cultura grega antiga e menciona, entre outros aspectos,

- A) o papel exercido pelos poetas, responsáveis pela transmissão oral das tradições, dos mitos e da memória.
- B) a prática da feitiçaria, estimulada especialmente nos períodos de seca ou de infertilidade da terra.
- C) o caráter monoteísta da sociedade, que impedia a difusão dos cultos aos deuses da tradição clássica.
- D) a forma como a história era escrita e lida entre os povos da península Balcânica.
- E) o esforço de diferenciar as cidades-Estados e reforçar o isolamento e a autonomia em que viviam.

06. (Enem/2012)

Texto I

Anaxímenes de Mileto disse que o ar é o elemento originário de tudo o que existe, existiu e existirá, e que outras coisas provêm de sua descendência. Quando o ar se dilata, transforma-se em fogo, ao passo que os ventos são ar condensado. As nuvens formam-se a partir do ar por feltragem e, ainda mais condensadas, transformam-se em água. A água, quando mais condensada, transforma-se em terra, e quando condensada ao máximo possível, transforma-se em pedras.

BURNET, J. *A aurora da filosofia grega*. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2006. Adaptado.

Texto II

Basílio Magno, filósofo medieval, escreveu: “Deus, como criador de todas as coisas, está no princípio do mundo e dos tempos. Quão parcas de conteúdo se nos apresentam, em face desta concepção, as especulações contraditórias dos filósofos, para os quais o mundo se origina, ou de algum dos quatro elementos, como ensinam os Jônios, ou dos átomos, como julga Demócrito. Na verdade, dão impressão de quererem ancorar o mundo numa teia de aranha”.

GILSON, E.; BOEHNER, P. *Histórias da Filosofia Cristã*. São Paulo: Vozes, 1991. Adaptado.

Filósofos dos diversos tempos históricos desenvolveram teses para explicar a origem do Universo, a partir de uma explicação racional. As teses de Anaxímenes, filósofo grego antigo, e de Basílio, filósofo medieval, têm em comum na sua fundamentação teorias que

- A) eram baseadas nas ciências da natureza.
- B) refutavam as teorias de filósofos da religião.
- C) tinham origem nos mitos das civilizações antigas.
- D) postulavam um princípio originário para o mundo.
- E) defendiam que Deus é o princípio de todas as coisas.

07. (Enem/2015)

A filosofia grega parece começar com uma ideia absurda, com a proposição: a água é a origem e a matriz de todas as coisas. Será mesmo necessário deter-nos nela e levá-la a sério? Sim, e por três razões: em primeiro lugar, porque essa proposição enuncia algo sobre a origem das coisas; em segundo lugar, porque o faz sem imagem e fabulação; e enfim, em terceiro lugar, porque nela, embora apenas em estado de crisálida, está contido o pensamento: Tudo é um.

NIETZSCHE, F. “Crítica moderna”. In: *Os pré-socráticos*. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

O que, de acordo com Nietzsche, caracteriza o surgimento da filosofia entre os gregos?

- A) O impulso para transformar, mediante justificativas, os elementos sensíveis em verdades racionais.
- B) O desejo de explicar, usando metáforas, a origem dos seres e das coisas.
- C) A necessidade de buscar, de forma racional, a causa primeira das coisas existentes.
- D) A ambição de expor, de maneira metódica, as diferenças entre as coisas.
- E) A tentativa de justificar, a partir de elementos empíricos, o que existe no real.

08. (UEL/2013)

No livro *Através do espelho e o que Alice encontrou por lá*, a Rainha Vermelha diz uma frase enigmática: “Pois aqui, como vê, você tem de correr o mais que pode para continuar no mesmo lugar.”

CARROL, L. *Através do espelho e o que Alice encontrou por lá*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009. p. 86.

Já na Grécia Antiga, Zenão de Eleia enunciava uma tese também enigmática, segundo a qual o movimento é ilusório, pois “numa corrida, o corredor mais rápido jamais consegue ultrapassar o mais lento, visto o perseguidor ter de primeiro atingir o ponto de onde partiu o perseguido, de tal forma que o mais lento deve manter sempre a dianteira.

ARISTÓTELES. Física. Z 9, 239 b 14. In: KIRK, G. S.; RAVEN, J. E.; SCHOFIELD, M. *Os Pré-socráticos*. 4.ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1994, p. 284.

Com base no problema filosófico da ilusão do movimento em Zenão de Eleia, é correto afirmar que seu argumento

- A) baseia-se na observação da natureza e de suas transformações, resultando, por essa razão, numa explicação naturalista pautada pelos sentidos.
- B) confunde a ordem das coisas materiais (sensível) e a ordem do ser (inteligível), pois avalia o sensível por condições que lhe são estranhas.
- C) ilustra a problematização da crença numa verdadeira existência do mundo sensível, à qual se chegaria pelos sentidos.
- D) mostra que o corredor mais rápido ultrapassará inevitavelmente o corredor mais lento, pois isso nos apontam as evidências dos sentidos.
- E) pressupõe a noção de continuidade entre os instantes, contida no pressuposto da aceleração do movimento entre os corredores.

09. (UFU/2013) De um modo geral, o conceito de *physis* no mundo pré-socrático expressa um princípio de movimento por meio do qual tudo o que existe é gerado e se corrompe. A doutrina de Parmênides, no entanto, tal como relatada pela tradição, aboliu esse princípio e provocou, consequentemente, um sério conflito no debate filosófico posterior, em relação ao modo como conceber o ser.

Para Parmênides e seus discípulos:

- A) A imobilidade é o princípio do não ser, na medida em que o movimento está em tudo o que existe.
- B) O movimento é princípio de mudança e a pressuposição de um não ser.
- C) Um Ser que jamais muda não existe e, portanto, é fruto de imaginação especulativa.
- D) O Ser existe como gerador do mundo físico, por isso a realidade empírica é puro ser, ainda que em movimento.

10. (Uncisal/2012)

O Período Pré-Socrático é o ponto inicial das reflexões filosóficas. Suas discussões se prendem a Cosmologia, sendo a determinação da *physis* (princípio eterno e imutável que se encontra na origem da natureza e de suas transformações), ponto crucial de toda formulação filosófica. Em tal contexto, Leucipo e Demócrito afirmam ser a realidade percebida pelos sentidos ilusória. Eles defendem que os sentidos apenas capturam uma realidade superficial, mutável e transitória que acreditamos ser verdadeira. Mesmo que os sentidos apreendam “as mutações das coisas, no fundo, os elementos primordiais que constituem essa realidade jamais se alteram.” Assim, a realidade é uma coisa e o real outra.

Para Leucipo e Demócrito, a *physis* é composta

- A) pelas quatro raízes: o úmido, o seco, o quente e o frio.
- B) pela água.
- C) pelo fogo.
- D) pelo ilimitado.
- E) pelos átomos.

11. (UENP/2011) Mario Quintana, no poema “As coisas”, traduziu o sentimento comum dos primeiros filósofos da seguinte maneira: “O encanto sobrenatural que há nas coisas da Natureza! [...] se nelas algo te dá encanto ou medo, não me digas que seja feia ou má, é, acaso, singular”.

Os primeiros filósofos da antiguidade clássica grega se preocupavam com

- A) Cosmologia, estudando a origem do Cosmos, contrapondo a tradição mitológica das narrativas cosmogônicas e teogônicas.
- B) Política, discutindo as formas de organização da polis e estabelecendo as regras da democracia.
- C) Ética, desenvolvendo uma filosofia dos valores e da vida virtuosa.
- D) Epistemologia, procurando estabelecer as origens e limites do conhecimento verdadeiro.
- E) Ontologia, construindo uma teoria do ser e do substrato da realidade.

12. (Unicentro/2017) Os mitos apresentaram funções específicas na Antiguidade Grega, porém outros significados na sociedade atual. Nesse sentido, analise se as afirmações a seguir são verdadeiras ou falsas e se existe relação de causalidade entre elas.

Afirmção 1:

Embora na atualidade o termo “Mito” corresponda a significados diversos; no mundo antigo grego, a perspectiva mítica esteve fundamentada no ato de questionar tanto os dogmas instituídos para a conduta das pessoas quanto as origens da realidade natural.

PORQUE

Afirmção 2:

Dentre as funções das narrativas míticas, constavam: justificar, tranquilizar e acomodar os seres humanos frente à realidade que se apresentava, inclusive no que diz respeito aos fenômenos da natureza.

A alternativa em que as informações estão corretas é

- A) As duas afirmações são verdadeiras, e a primeira justifica a segunda.
- B) As duas afirmações são verdadeiras, e a segunda justifica a primeira.
- C) A primeira afirmação é falsa, e a segunda é verdadeira.
- D) A primeira afirmação é verdadeira, e a segunda é falsa.
- E) As duas afirmações estão falsas.

13. (Uema/2015) Leia a letra da canção a seguir.

Nada do que foi será
De novo do jeito que já foi um dia
Tudo passa
Tudo sempre passará
A vida vem em ondas
Como um mar
Num indo e vindo infinito
Tudo que se vê não é
Igual ao que a gente
Viu há um segundo
Tudo muda o tempo todo
No mundo [...]

SANTOS, Lulu; MOTTA, Nelson. *Como uma onda*. In: Álbum MTV ao vivo. Rio de Janeiro: Sony-BMG, 2004.

Da mesma forma como canta o poeta contemporâneo, que vê a realidade passando como uma onda, assim também pensaram os primeiros filósofos conhecidos como Pré-socráticos que denominavam a realidade de *physis*. A característica dessa realidade representada, também, na música de Lulu Santos, é o(a)

- A) fluxo.
- B) estática.
- C) infinitude.
- D) desordem.
- E) multiplicidade.

14. (UEL/2015) Leia o texto a seguir e responda à próxima questão.

De onde vem o mundo? De onde vem o universo? Tudo o que existe tem que ter um começo. Portanto, em algum momento, o universo também tinha de ter surgido a partir de uma outra coisa. Mas, se o universo de repente tivesse surgido de alguma outra coisa, então essa outra coisa também devia ter surgido de alguma outra coisa algum dia. Sofia entendeu que só tinha transferido o problema de lugar. Afinal de contas, algum dia, alguma coisa tinha de ter surgido do nada. Existe uma substância básica a partir da qual tudo é feito? A grande questão para os primeiros filósofos não era saber como tudo surgiu do nada. O que os instigava era saber como a água podia se transformar em peixes vivos, ou como a terra sem vida podia se transformar em árvores frondosas ou flores multicoloridas.

GAARDER, J. *O Mundo de Sofia*. Trad. de João Azenha Jr. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p.43-44. Adaptado.

Com base no texto e nos conhecimentos sobre o surgimento da filosofia, assinale a alternativa correta.

- A) Os pensadores pré-socráticos explicavam os fenômenos e as transformações da natureza e porque a vida é como é, tendo como limitador e princípio de verdade irrefutável as histórias contadas acerca do mundo dos deuses.
- B) Os primeiros filósofos da natureza tinham a convicção de que havia alguma substância básica, uma causa oculta, que estava por trás de todas as transformações na natureza e, a partir da observação, buscavam descobrir leis naturais que fossem eternas.
- C) Os teóricos da natureza que desenvolveram seus sistemas de pensamento por volta do século VI a.C. partiram da ideia unânime de que a água era o princípio original do mundo por sua enorme capacidade de transformação.
- D) A filosofia da natureza nascente adotou a imagem homérica do mundo e reforçou o antropomorfismo do mundo dos deuses em detrimento de uma explicação natural e regular acerca dos primeiros princípios que originam todas as coisas.
- E) Para os pensadores jônicos da natureza, Tales, Anaxímenes e Heráclito, há um princípio originário único denominado o ilimitado, que é a reprodução da aparência sensível que os olhos humanos podem observar no nascimento e na degeneração das coisas.

15. (UEG/2013)

O ser humano, desde sua origem, em sua existência cotidiana, faz afirmações, nega, deseja, recusa e aprova coisas e pessoas, elaborando juízos de fato e de valor por meio dos quais procura orientar seu comportamento teórico e prático. Entretanto, houve um momento em sua evolução histórico-social em que o ser humano começa a conferir um caráter filosófico às suas indagações e perplexidades, questionando racionalmente suas crenças, valores e escolhas. Nesse sentido, pode-se afirmar que a filosofia

- A) é algo inerente ao ser humano desde sua origem, e que, por meio da elaboração dos sentimentos, das percepções e dos anseios humanos, procura consolidar nossas crenças e opiniões.
- B) existe desde que existe o ser humano, não havendo um local ou uma época específica para seu nascimento, o que nos autoriza afirmar que mesmo a mentalidade mítica é também filosófica e exige o trabalho da razão.
- C) inicia sua investigação quando aceitamos os dogmas e as certezas cotidianas que nos são impostos pela tradição e pela sociedade, visando educar o ser humano como cidadão.
- D) surge quando o ser humano começa a exigir provas e justificações racionais que validam ou invalidam suas crenças, seus valores e suas práticas, em detrimento da verdade revelada pela codificação mítica.

Resolução

- 01.** Em ambas as obras, o mito – ou herói –, através da construção de relações interpessoais, contribuíram para a formação histórica de uma localidade ou povo: a sociedade helênica, no caso da Guerra de Troia, e a sociedade brasileira, no caso de Iracema.

Resposta: C

- 02.** A questão evidencia o caráter de verdade estabelecida, presente nos mitos. Isso fica bastante claro quando, na alternativa correta, lemos afirmação de que as verdades propugnadas pelos mitos não carecem de provas. Ou seja, as narrativas míticas dispensam provas argumentativas, propondo, por isso, verdades definitivas.

Resposta: D

- 03.** Nessa questão se discute as diferenças entre o pensamento de Parmênides e Heráclito, seus conceitos, suas diferenças, especialmente seus pensamentos mais significativos e populares. Tais como as constantes modificações de Heráclito e o ser perfeito de Parmênides.

Heráclito procura explicar o mundo pelo desenvolvimento de uma natureza comum a todas as coisas e em eterno movimento. Ele afirma a estrutura contraditória e dinâmica do real. Para ele, tudo está em constante modificação. Daí sua frase “Não nos banhamos duas vezes no mesmo rio”, já que nem o rio nem quem nele se banha são os mesmos em dois momentos diferentes da existência. Parmênides, ao contrário, diz que o ser é unidade e imobilidade e que a mutação não passa de aparência. Para Parmênides, o ser é ainda completo, eterno e perfeito.

Só vemos cada coisa em sua particularidade isolada, como se cada uma pudesse ser algo acabado e fixo. Esses dois pensadores operam no plano da inteligibilidade do princípio enquanto tal, para além da compreensão imediata do homem comum. Ainda que variem as perspectivas desde as quais cada um nomeia a dimensão que permanece invisível ao homem que não filosofa, ambos afirmam a unidade e ‘mesmidade’ no e do princípio. Logo, eles estão tratando do estudo do ser ou da chamada ontologia.

Resposta: C

- 04.** O mito pode ser caracterizado pela sua narrativa fantástica e que serve de modelo explicativo sobre a origem das coisas e do por que delas serem como são. A filosofia, em contrapartida, ainda que faça indagações similares a essas, rejeita as explicações fantásticas, considerando a razão como critério de veracidade de suas análises e explicações.

Resposta: B